



*Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser*

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

[www.inhauser.com.br](http://www.inhauser.com.br) / [marcos@inhauser.com.br](mailto:marcos@inhauser.com.br)

[www.pastoralia.com.br](http://www.pastoralia.com.br)

## TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

### TRÊS PARADIGMAS REAIS

**Marcos Roberto Inhauser**

A Bíblia é um livro sobre o qual há muita controvérsia. Muitos há que nela não acreditam como sendo Palavra de Deus. Outros duvidam até mesmo da precisão dos dados históricos nela constantes, ou dos próprios relatos. Há os que questionam a legitimidade de um livro que pretenda ser universal em sua mensagem, escrito por um pequeno povo, andarilho, perseguido e sem expressão política nos tempos em que os livros foram escritos. Um número bastante razoável de pessoas não aceita as afirmações dogmáticas que fundamentalistas e conservadores dela extraem.

No entanto, há uma coisa que há certo consenso: há nos relatos bíblicos paradigmas do comportamento humano, dos modelos de sociedade e de governo que, analisados como tais, nos dão pistas para entender o que ocorre nos dias atuais.

Especificamente relacionado à crise política que vivemos, quero mencionar o paradigma dos modelos de governo que o Antigo Testamento apresenta. Houve em Israel um período em que a nação foi governada por juízes. Era o período impropriamente conhecido de teocracia. É verdade que os juízes eram figuras religiosas, que tinham carisma e liderança sobre o povo e exerciam seu governo em nome de Deus, mas daí dizer que era Deus quem governava vai uma distância muito grande. Nos tempos de Samuel, tenho para comigo (e no espaço não me permite fundamentar a afirmação), o que havia era um período de “ditadura religiosa” (talvez o termo mais apropriado seja dita-branda).

O modelo, a contragosto de Samuel, foi substituído por outro centralizado na figura de um rei escolhido. O primeiro foi Saul. Ele era bonito, alto, mas incompetente, mas assim mesmo foi eleito. Na sua tarefa de procurar a jumenta de perda de seu pai, não a encontrou e foi ajudado por seu moço que o aconselhou a ir consultar a Samuel. Ele nunca conseguiu resolver seus problemas por si mesmo: sempre apelava para alguém ajudá-lo. Na hora de enfrentar o gigante Goliás, tremeu, vacilou e teve a coragem de deixar um garoto resolver a parada.

O segundo foi Davi. Filho meio desacreditado do pai, ganhou notoriedade pela valentia na luta contra o gigante e na forma como reuniu o povo em torno do sonho de uma nação forte. Guerreiro, cercou-se de homens endividados, fugitivos e outros na caverna de Adulão e ali começou o seu exército. Fez o povo sonhar, aumentou os limites da nação, e conseguiu um superávit para ter recursos e construir o templo, seu sonho maior. Acabou seus dias com uma rebelião movida pelo próprio filho, e uma briga palaciana por causa da indicação do seu sucessor.

O terceiro rei, Salomão, notabilizou-se pela inteligência e sabedoria. Homem das mil mulheres, fruto de alianças diplomáticas com os vizinhos, era um gentleman. Nos dias atuais teria vários doutorados “honoris causa”. Aumentou os impostos ao ponto de dividir a nação após sua morte.

Qualquer semelhança com a história brasileira não é mera coincidência. Só a ordem cronológica não se ajusta: militares (Samuel), Collor (Saul), Davi (Lula), Salomão (FHC).